

Museu do Sangue na invasão

Sobrado na Estrutural remonta a história da Operação Tornado, quando moradores foram mortos por PMs

Da Redação

Desta vez, não foi mais um barraco a ser erguido sobre a terra fina da Invasão da Estrutural. É um sobrado de dois andares, a maior construção de alvenaria do lugar, que foi construído para ser um museu. Mas não um museu com obras de arte. "Aqui a obra é de terror", apontava dona Izoleide Macedo, 54 anos, espremida entre as duas mil pessoas que, do lado de fora da casa, esperavam que ela fosse inaugurada para enfim conhecê-la.

Há um ano e três meses o museu vinha sendo construído para contar uma história que aconteceu há quase dois anos, quando, na Operação Tornado, 1,5 mil policiais militares invadiram a Estrutural. Tinham o objetivo de desarmar a população. O que ocorreu, no entanto, foi a morte de seis moradores e de um policial.

Por isso a casa é chamada Museu do Sangue. E conta, por meio de painéis com jornais ampliados, toda a história da Estrutural. Com grande destaque para a "noite do terror", está escrito nos painéis, entre fotos de barracos que foram destruídos então. "Os moradores da Estrutural estão de luto, jamais esquecerão a tragédia", são os dizeres entre os jornais, afixados no segundo andar.

No primeiro piso, o destaque são as seis cruzes fincadas no chão, com velas e os nomes dos que foram assassinados. "São para lembrar que aqueles que morreram continuam na memória viva da Estrutural", disse Gilberto Santos, voluntário da Fundação Coração Azul, que trabalha em prol dos moradores da Estrutural. Foi também a fundação quem os organizou para construir o museu.

Segundo Gilberto, a história que o museu conta é toda sob a ótica dos que moram na invasão. "Não existe revolta. A idéia é lembrar os fatos para

que eles jamais voltem a acontecer. As pessoas que moram aqui têm que ser respeitadas", frisou Gilberto.

Um dos convidados mais importantes que esteve na inauguração do museu foi Roberto José dos Reis Filho, 50 anos — o Azul. Ele foi um dos principais personagens à época: atingido por duas balas na nuca, conseguiu sobreviver.

Azul morava no local onde o museu foi construído, a rua que agora se chama Rua do Calvário, nº 15, Centro. Lembrou-se da noite em que os quatro homens encapuzados invadiram sua casa, aonde dormia com a mulher, que foi morta com uma paulada na cabeça. O filho de Azul também morreu com seis tiros.

MEDO

Agora ele não vive mais na Estrutural, mas "no fim do mundo". Quase não sai de casa pois tem medo de morrer. Ontem, estava acompanhado de um segurança e, apesar das lembranças tristes, sentia-se feliz pois sabia que o museu era uma homenagem a ele.

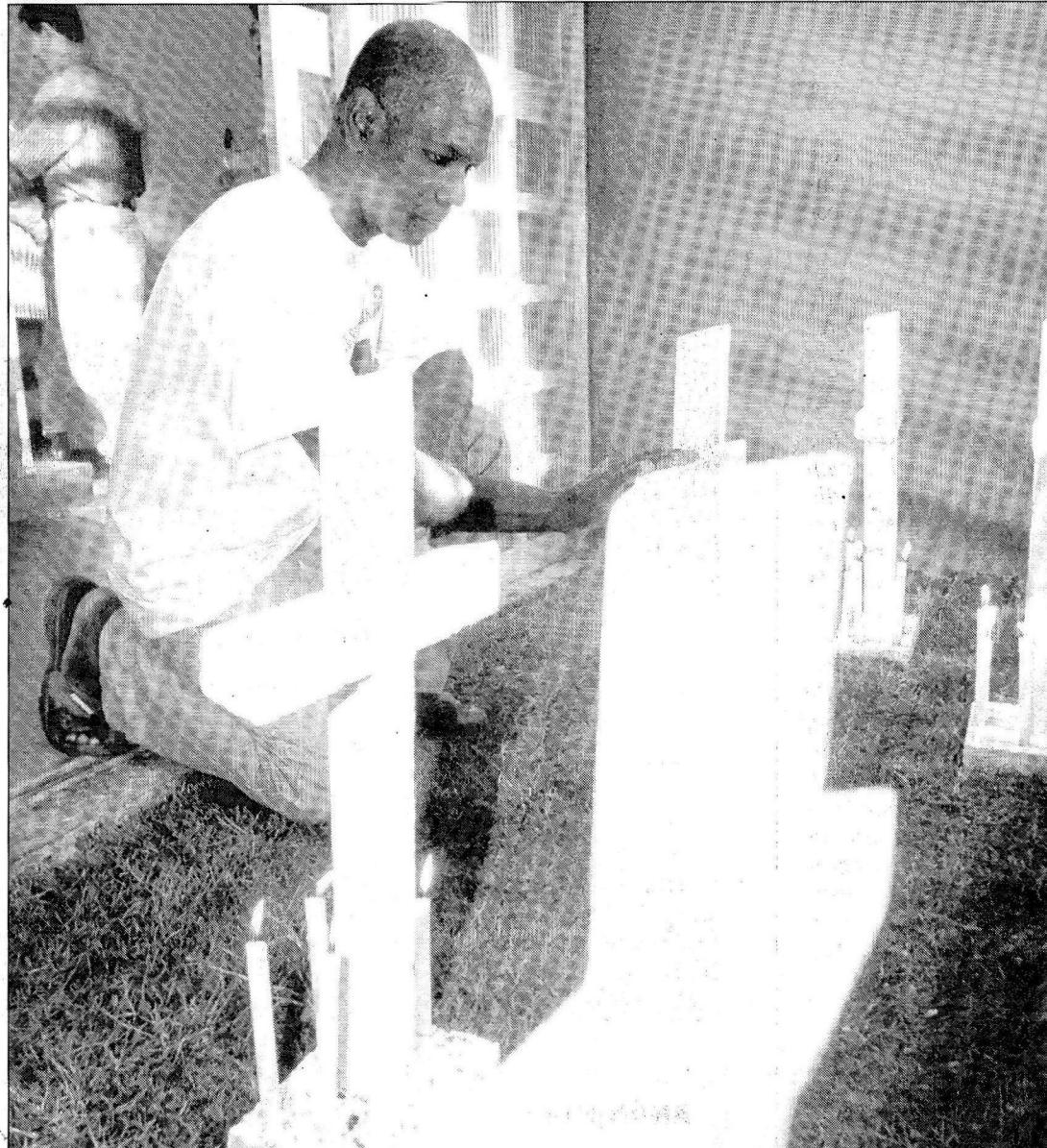
Lamentou não ter podido ajudar na construção da casa — erguida, segundo Gilberto Santos, pelos próprios moradores da Estrutural.

"Pagamos apenas um mestre de obras", revelou Gilberto, que disse ter conseguido o material pedindo recursos a empresários. "Não temos convênio com o governo".

Agora, para entrar no museu, os visitantes vão ter que pagar R\$ 1,50. Além dos painéis e cruzes, poderão ver bombas de efeito moral, balas de borracha e gás lacrimogênio — tudo isso, de acordo com Gilberto, foi recolhido à época pelos moradores do local.

Há também um espaço com um telão e 40 cadeiras de plástico. Quem quiser, vai poder assistir a reportagens antigas que relembram a época dos assassinatos e o desespero por que passaram aqueles moradores.

Acácio Pinheiro



Roberto dos Reis foi um dos sobreviventes da Operação Tornado, onde sua mulher e filho foram mortos

MEMÓRIA

VINGANÇA FOI A CAUSA DAS MORTES

O objetivo da chamada Operação Tornado, na noite de 6 de agosto de 1998, era desfilar a população da Invasão da Estrutural. O que aconteceu, no entanto, foram seis vítimas fatais que moravam na favela e um policial militar.

Naquela noite, o soldado Rubens de Faria, 32 anos, foi atingido com um tiro na cabeça. Morreu no Hospital de Base

do DFA a partir de então, a pretexto de que seria uma vingança da PM, começaram a chegar registros de ocorrência na 3ª Delegacia de Polícia Civil, no Cruzeiro. Eram espancamentos, abuso de autoridade, roubos em comércios, ameaças, sequestros e execuções.

Na manhã seguinte, uma sexta-feira, a tragédia continuou. O corpo do morador Joaquim da Silva, 37 anos, foi encontrado entre o Ceasa e a Via Estrutural. Tinha lesões na cabeça. A violência não acabou na noite de sábado — mais uma invasão a domicílio. Regina Célia do Nascimento re-

sistiu ao ver sua casa invadida por policiais encapuzados, foi espancada e morreu.

O companheiro de Regina, Roberto José, o Azul, foi arrastado para um matagal e levou dois tiros na nuca. Sobreviveu. Azul foi seqüestrado para que contasse onde estava o filho Milton de Sá, 29 anos, o Miltinho. Os PMs suspeitavam que Miltinho fosse o responsável pela morte do soldado Faria. O filho de Azul também foi executado.

Cinco dias depois, o corpo do morador Luciano Pires foi encontrado numa vala perto da invasão, com tiros na cabeça.